

## O BOLO E A VELA

Aniversários, normalmente, têm bolo. Cachorro-quente e refrigerante não são tão importantes. O protagonista da festa é o bolo. Antes dele, quase ninguém vai embora. Depois, só ficam alguns, os mais chegados. O fato é que, sem bolo, festa de aniversário não é festa de aniversário. Pode ser aniversário. Pode ser festa. Mas não *festa de aniversário*.

O bolo pode ser grande, pequeno, médio. Pode ser de chocolate, morango, baunilha ou abacaxi. De um, dois andares. Tem gente que faz bolo até para cidades. São Paulo tem bolo de cinquenta e tantos metros, um “mundaréu” de bolo. Todo mundo vai lá, pega o máximo que puder e vai embora. Deve ser a lei da sobrevivência.

Está bem. Era meu aniversário. Eu havia esperado por semanas e, finalmente, minha ansiedade chegaria ao fim. No dia anterior, minha mãe perguntou:

\_\_Vai querer festinha?

Respondi com uma daquelas onomatopéias que somente crianças sabem pronunciar.

Logo de manhã, recebi os parabéns. Meu pai foi buscar o bolo e minha mãe começou a fazer os preparativos. O telefone tocou. Era meu irmão mais velho. Ele estava vindo de muito longe para nos visitar e o carro enguiçou. Papai e eu fomos até eles dar a assistência necessária.

Há anos eu não via meu irmão, sua esposa e sua filha. Mal lembrava como era o rosto de minha sobrinha que, por ironia do destino, era mais velha do que eu. Logo, todos estariam em casa e o tempo de ausência seria recompensado pela alegria do reencontro.

Meu irmão não sabia que era meu aniversário. O tempo nos faz esquecer algumas datas. Não me importei. Estava tão entusiasmado que não havia espaço para mágoas no meu coração. Minha sobrinha, de seis ou sete anos, logo me encheu de perguntas que eu mal conseguia responder. Ela parecia mais animada que eu.

Eram três horas da tarde. Haveria, ainda, mais três ou quatro horas até a chegada dos convidados. Durante esse tempo, me detive em passatempos, porém, pouco interessa contá-los agora. Bem, vamos à festa.

Uma festinha de aniversário de um menininho não costuma ser cheia de *glamour*. A minha, pelo menos, não seria. Eu não me importava. Era a *minha* festinha e isso bastava. Os convidados começaram a chegar. Primeiro, o Joel. Depois, a Jéssica e a Ana Carolina. Um a um, meus melhores amiguinhos chegavam e vinham me abraçar. Felizes, íamos brincar e perdíamos a noção do tempo.

A minha festinha foi, pouco a pouco, se desenrolando melhor do que eu poderia imaginar. Às oito horas, mamãe chamou as crianças para *cantar os parabéns*. Pequenino, subi numa cadeira e olhei. Ali estava. O bolo. Era coberto com glacê e pedacinhos de maçã. O bonequinho do Palmeiras, meu time do coração (pelo menos até eu conhecer o São Paulo), estava ali. Melhor que aquelas *velinhas*, melhor que aquele 5, uma demonstração de minha pouca vivência. O boneco do Palmeiras era, acima de tudo, o sinal das ricas experiências e aprendizagens que eu ainda teria em minha vida de criança. Altivo, imponente, aquele bonequinho me inspirava a responsabilidade, o dever de trazer alegria àqueles que faziam parte de minha vida.

Começou. *Parabéns pra você...* Eu não sabia para onde olhar. Na presença de adultos eu era tímido. Muito tímido. Esperei. Assopra! Disse-me a Jéssica.

Assoprei. Não que eu fosse franzino (e eu não era), mas a chama não apagou. Outro assopro, todavia, a chama permanecia ali. Percebi que assopravam ao mesmo tempo em que eu. Não *comigo*. Todo mundo sempre quer apagar a vela. Mas eu não ia deixar. Há momentos em que precisamos lutar por aquilo que desejamos.

Com todo o fôlego que pude tirar de meus pulmões, assoprei. Agora sim. As crianças ao meu redor ficaram olhando. Assustadas. Alguns ainda tentavam apagar a velinha, mas sem sucesso. Fui eu!

**O felicitado**

**2007**